

Dar voz à juventude africana na definição da agenda climática: É o seu futuro que está em jogo!*

- Em 2050, um bilhão de crianças em África vão sofrer o impacto da crise climática, mas não terão voz nas decisões tomadas em grande parte por homens idosos.



É irónico que a África – às vezes chamada de “continente mais jovem” devido à idade média de sua [população que é inferior a 20 anos](#) – tenha os líderes mais velhos do mundo. Dez dos líderes políticos africanos têm mais de 75 anos, a idade média de um presidente africano é de 62 anos.

De acordo com o Centro Global de Adaptação, os jovens em África são frequentemente [excluídos da política](#) precisamente porque a África tem a sua geração mais velha directamente no comando da liderança política.

Não há nada de errado em reconhecer a sabedoria a ser adquirida com a idade, e muitas sociedades africanas têm uma longa e orgulhosa tradição de honrar e respeitar os mais velhos. Mas o domínio da tomada de decisões políticas por homens (sim, são em grande parte homens) muito além da idade da reforma é profundamente preocupante, especialmente quando se trata de lidar com a crise climática – é necessário um pensamento novo e inovador agora e no futuro.

A juventude africana – incluindo aqueles que ainda não nasceram – arcará com os custos financeiros, ambientais e sociais de nosso fracasso em abordar significativamente a crise climática nas décadas desde que o alarme foi disparado pela primeira vez.

As significativas disparidades de renda e desigualdades sociais de África provavelmente irão piorar à medida que progredirmos no século 21, exacerbando a pobreza e a injustiça económica intergeracional.

A maioria dos africanos tem menos de 18 anos e, de acordo com o [Índice de Risco Climático das Crianças](#), uma visão geral da vulnerabilidade das crianças aos impactos do aquecimento global elaborada pela UNICEF, estima-se que [490 milhões de crianças](#) em 35 países subsaarianos correm o risco dos piores efeitos da crise climática. Até 2050, África abrigará [um bilhão de crianças](#) e jovens que, com as oportunidades certas na vida, poderão impulsionar um renascimento social e económico em todo o continente.

No entanto, os impactos económicos do colap-

so climático significam que eles enfrentam um futuro incerto e nada invejável de oportunidades reduzidas, potencial de ganhos e produtividade, incluindo desenvolvimento pessoal e profissional reduzido. As mesmas pessoas que mais têm a perder – crianças e jovens – são em grande parte excluídas de moldar seu próprio futuro.

Esta semana estou a participar da [9ª Conferência Internacional de Políticas](#) do Fórum Africano de Políticas da Criança na capital da Etiópia, Adis Abeba, que se concentrará na crise climática e nos direitos da criança em África. Ao lado de políticos, académicos e especialistas, irei ouvir de jovens sobre o impacto do colapso climático em suas vidas agora e no futuro.

É justo que as vozes dos jovens sejam ouvidas e integradas nas decisões políticas e nos próximos passos a serem accionados – mas isso é muito raro. Precisamos de uma onda de activistas climáticos e jovens africanos aos milhões para assumir a responsabilidade de traçar um futuro climático futuro justo.

Estou animada que os [jovens activistas climáticos](#) estão a influenciar cada vez mais os debates globais. De [Yero Sarr](#) do Senegal a [Raeesah Noor-Mahomed](#) da África do Sul, de [Vanessa Nakate](#) de Uganda a [Fatna Ikrame El Fanne](#) de Marrocos, os jovens africanos são apaixonados. Suas vozes se juntarão a milhares de outras nas negociações climáticas da [UN Cop27](#) no Egipto, exigindo acções para um futuro mais justo e sustentável.

Os governos africanos precisam urgentemente de intensificar os seus investimentos financeiros e políticas económicas para prevenir e responder aos efeitos da crise climática sobre as crianças. Sabemos que isso exacerba a injustiça global existente; Espera-se que a África – responsável pela [menor parcela das emissões mundiais de gases de efeito estufa](#) – enfrente o custo mais alto. É justo que as nações mais desenvolvidas, principais responsáveis pela crise climática, paguem grande parte da conta das medidas de adaptação e mitigação. Mas os governos africanos também têm a responsabilidade de garantir que o investimento em um futuro resiliente ao clima não tenha um custo para os jovens.

As gerações actuais e futuras enfrentam um paradoxo. Por um lado, os impactos económicos do colapso climático são significativos e se agravam. Adaptação, mitigação e construção de resiliência são caras, mas sem essas despesas, o Produto Interno Bruto (PIB) pode ser reduzido em até 30% – com consequências terríveis para o emprego e as perspectivas de crescimento.

Por outro lado, os governos e os doadores internacionais podem ser tentados a desviar orçamentos preciosos de programas existentes para financiar a infra-estrutura de adaptação, o que significa que o financiamento já inadequado para educação, protecção infantil, nutrição,

saúde e assistência social pode ser cortado ainda mais.

Perante estes desafios existenciais, fica claro para mim que as crianças e os jovens devem ter um maior envolvimento na construção do seu próprio futuro. Eles devem ser parte integrante do processo de tomada de decisão e estar significativamente envolvidos na formação da agenda climática hoje e nos próximos anos.


** Graça Machel é Presidente do Conselho de Administração da African Child Policy Forum, da Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC) e da Graça Machel Trust.*



INFORMAÇÃO EDITORIAL

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autora: Graça Machel
Equipa Técnica: Emídio Beula, Dimas Sinoa, Américo Maluana
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

